

SPORT LISBOA



E BOLAMA

JORNAL-PROGRAMA EDITADO PELO
"SPORT LISBOA E BOLAMA"
NOVEMBRO-1938

COMPOSTO E IMPRESSO NA
IMPRENSA NACIONAL DA GUINÉ
BOLAMA

"O Sport Lisboa e Bolama"

comemorando o 5.º aniversário da sua fundação
saúda todas as Agremiações Desportivas Portuguesas

Bolama (resenha histórica)

A ilha de Bolama, uma das do Arquipélago dos Bijagós, foi descoberta na primeira metade do século XV, provavelmente pelo navegador Álvaro Fernandes, em viagem para a Serra Leoa, no ano de 1446. (1)

Ainda em vida do Infante D. Henrique, portanto antes dos fins de 1460, e por seu mandado, conquistadores da Ilha de Santiago de Cabo Verde dirigiram-se à Ilha Roxa ou de Canhabaque, a saber: Gomes Balleiro com muita gente e capitão-mór dela e das Ilhas de Baixo. Também vierão muitas debaixo da obediência de Gomez Pacheco, e por desordem dos nossos foram desbaratados dos negros e mortos os capitães-móres, e salváram-se mui poucos. O arquipélago teve nome do Infante, em homenagem a D. Henrique. (2)

Segundo informa Duarte Pacheco, na segunda metade do século XV, alguns pilotos faziam rota do Rio Gôba para a Serra Leoa por dentro das ilhas dos Bijagós, saindo pelo sueste. (3) O mesmo parece deduzir-se dum passo de André A. de Almada, onde pela primeira vez, é mencionada a Ilha das Areias (actual Arcas ou Corôa?) — que he huma ilha atagadica, quasi de huma legoa, a qual está da banda do Norte, arvorada de mangues e tarafes e outras arvores... (4)

A partir de 1466, os moradores da Ilha de Santiago de Cabo Verde tiveram privilégio exclusivo de comerciarem entre o Senegal e a Serra Leoa.

Em barcos de pequena cabotagem, muitas vezes devem ter tocado na ilha de Bolama, mercadejando com seus habitantes, os Biafadas, ou Biafares — como então diziam. (5)

Nos mapas antigos, não figura o nome das ilhas do arquipélago bijagó, discriminadamente. Uma vez, vêem-se estas desenhadas sem qualquer indicação; outras vezes, são englobadas na designação genérica de "Bijagós".

Mas, nem todas eram povoadas por aquela gente. Os Biafadas possuíam a de Bolama e a das Galinhas. Ainda no século XVI, Canhabaque constituia a ilha principal do arquipélago, sob o ponto de vista político, comercial e demográfico. Segundo a tradição, recolhida por Francisco de Azevedo Coelho, aquela ilha forneceu povoadores ás demais. Outras havia despovoadas, aproveitadas somente para sementeiras. (6)

Durante o século XVI, Bolama adquiriu importância, devido à sua si-

(Continua na Pag. SEIS)

MENS SANA...

Não obstante tanta desilusão e enfrentando corajosamente tanto desinteresse por manifestações de vida desportiva — que é uma das lamentáveis características deste meio social —; correndo, até, o risco de perdas financeiras, tanto mais de considerar quanto é certo que não singra desafogada a vida dos nossos núcleos desportivos; surge esta louvável manifestação de actividade da agremiação que, em Bolama, ostenta as cores do antigo e valoroso «Sport Lisboa e Benfica» detentor, em Portugal, de tantas gloriosas tradições desportivas e batalhador incansável do robustecimento físico da nossa Raça.

É evidente que, nos intuitos dos dirigentes do «Sport Lisboa Bolama», não imperam a vontade de engrossar cabedais, nem a ânsia — aliás legítima — de vencer contendores em pugnas de valor e destreza desportiva. A finalidade que, essencialmente, os conduz é a de proporcionarem aos sectores deste meio — incompreensivelmente estagnado em manifestações de vida social — uns momentos de correctivo espiritual para aqueles cuja educação se moldou em ambientes de plena civilização, e a de criar e robustecer o gosto pelos exercícios físicos numa população acentadamente abastardada, já pelo peso de factores naturais sem correcção, já pela influência de nocivos factores morais a que se sujeita, porque outras actividades a não distraiem.

Não é frase desprovida de alto significado, para vida regular e produtiva dos povos, aquela que se tornou o lema justificativo na cultura física do homem: «mens sana in corpore sano».

Nunca serão os doentes, os deformados materialmente e os fracos que poderão vencer na vida e, nela, sentirem a alegria de viver. Nunca uma raça fisicamente depauperada, incapaz do esforço que gera o trabalho e as realizações que a perpetuam, pode impôr-se sem que, da imposição, resulte o suicídio.

Na poderosa Alemanha actual, formada na concepção materialista de Hitler, bem definida no seu livro «Mein Kampf» — que é bíblia do povo alemão — gerou-se uma gente forte, altaneira na vontade, soberba e grandiosa nas realizações, porque o nazismo cuidou e cuida cada vez mais intensamente, da cultura física da raça. Hitler disse: «se os estadistas alemães que a revolução subverteu soubersem «boxear»... teriam resistido ao ataque revolucionário»!

No sentido destes dizeres está a síntese da concepção do novo e forte estado germânico.

A grande e florescente Itália de Mussolini que soube pôr ao serviço do génio latino a esplêndida transformação física da raça, não é já somente a pátria de Dante, de Verdi e de Miguel Angelo, florida, romântica, perdendo-se em visões saudosas e sonhadoras do passado. É, agora, também, a nação forte, cuja voz,

(Continua na Pag. QUATRO)

A Medicina e o desporto

Asseverar a medicina o vício de em tudo meter o beldêlho, só com o espírito de critica asserba, não é neste caso de desporto destituído de fundamento.

A colaboração eficiente que a Medicina deu ao desporto desde os tempos helênicos da Moratona, mantem-se através dos séculos, como aliás, não podia deixar de ser, por se tratar, que mais não fosse, manifestação inerente e ligada ao homem, que ela sempre pretendeu curar, ainda que só ás vezes cura.

Desporto e Educação Física, não é uma e a mesma coisa, ainda que muito boa gente, mesmo de entre os entendidos, assim o julguem. O Desporto se não tem maior responsabilidade que a Educação Física, tem maiores consequências, funestas ou ruins, quando cumprido sem o braço dado da Medicina.

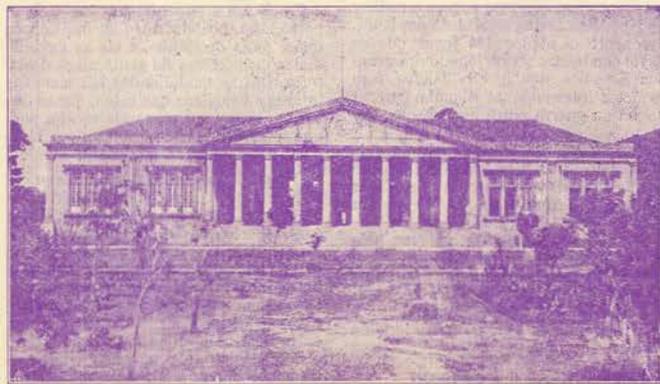
Atirar para os Estádios desse mundo fóra, ou mesmo para os modestos campos de «foot-ball» dos pobres clubes desportivos, homens ou jovens sem prévio avalio das suas possibilidades e tendências, significa crime de lesa-homem.

É o homem, máquina suprema da criação, é também aquela que menos aperfeiçoamentos tem sofrido depois das descobertas da Ciência; do Hertz e quejandos, que lhe dá o máximo de comodidade de vida, há um tempo a esta parte. Quasi que se anulou a distância e o tempo, aqueles meios de comunicação que nos tempos das nossas avós era motivo mais que justificado para testar aos herdeiros, fortuna e vida. Hoje o testamento está fóra da moda, não só porque diminuíram os capitais e o valor das vidas, mas também porque o homem é a máquina mais fácil de obter por baixo preço.

Os homens dos govêrnos e os homens da Ciência, hão a dizer aos quatro ventos que é necessário atacar na raiz o problema de depauperamento das raças e vá de fazer conferências, e vá de organizar formações das juventudes e outras, só para mesinha do mal que se nos antolha como certo, mais dia menos dia.

E se povos há em que o entusiasmo da Educação Física das Juventudes atinge quasi que o delírio em detrimto, me parece, da educação do espírito — outros como nós, seguem atrás, com parcos orçamentos e com uma outra resistênciasinha, dentro da fácil cópia do que vemos lá fóra.

Copiar, devia ser, fazer diferente, em vez de igual, daquilo que vemos e daquilo



Bolama — Paços do Concelho

A influência do Desporto na Educação Física

que nos convém. Mas quem devia dirigir esse movimento melhor que a Medicina que tomou o compromisso de curar?

A Medicina tem além de muitos defeitos, daqueles que em conceito, um se não o maior, um dos maiores, por via de regra os médicos são profissionais que trabalham em silêncio, em vez de cacarejarem, como faz a galinha.

A dentro dos muros dos nossos hospitais, ou das casas dos nossos moribundos, poucos são aqueles que sabem por terem visto, além de experimentado, as várias e tremendas tragédias a que os médicos assistem.

Desde as doenças chamadas sociais, como se as outras o não fossem também, até aqueles doentes que nos procuram só por mero acidente de fratura, ou por menos; a quantos casos, dentre os cem, assiste a Medicina nas 24 horas do rodar dos séculos.

Quantos tuberculosos, quantos inutilizados visceral ou locomotoramente, só pelo «foot-ball».

E a Medicina que tem concertiza médicos que praticam esse desporto ainda, não se pronunciou sobre ele. Ainda não disse se é bom ou mau desporto, a seguir ou a não praticar, por inconvenientes graves nas vidas e nos homens.

Falam os professores de Educação Física, nos cursos, completos, que os há e muitos, frequentados até por médicos — mas não fala a Medicina com a estatística dos terríveis números que dizem do Desporto mal orientado e mal dirigido.

No meu tempo chamava-se aqueles que jogavam o «foot-ball» em regra nem gosto é até sem forças, os «furiosos». Pois bem, porque, ainda se consentem pelas quatro partidas do mundo, «furiosos», cada vez mais, a dar cabo da raça, esgotando-se e esgotando os outros, servindo pasto à tuberculose?

Eu conheci um desses «furiosos» meu camarada dos bancos da escola que ficou inutilizado para toda e qualquer actividade em resultado de uma fratura esquisita que ele sofreu num desafio de «foot ball» em Faro, em que se verificou uma desigualdade de forças nos «teams» acompanhada de bordoadas grossas, que mais parecia uma corrida de garratos, que «foot-ball». Era o «team» do Liceu da Lapa que jogava contra o «team» do Liceu de Faro; e os algurios para melhor conseguirem «score» que os fartasse admitiram como «baks» dois cabos do Regimento de Cavalaria da cidade que por si só formavam a mais completa linha «magnito» que se pode imaginar, salvo o devido respeito na comparação.

Chamou-se a isto e durante muito tempo, Desporto, ou antes sport, como se chamava então. Era o autêntico jogo da bola que muitas vezes se construiu na sede do Clube, com um pé de meia e trapos. E vá de arrebentar com quantas meias solas havia e não havia, só para evitar o deparamento da raça.

Era o autêntico esforço da raça! Hoje já não é bem assim, as coisas mudaram, não estão tão más — mas ainda se consente muito «furioso» e muitos «furiosos» que praticam e dirigem o desporto sem a mais pequena noção da grande responsabilidade que lhes assiste no dia de amanhã.

Se o perigo da guerra foi heróicamente afastado pelo primeiro Ministro Inglês, se os homens mais precisos são para a guerra que para a paz, não há raciocínio ou aforismo que convença que o desporto se continue a praticar sem as vistas, que não sejam vistas grossas, da Medicina.

Essa responsabilidade cabe aos médicos, de terem consentido na cedência do lugar, a sua tremenda responsabilidade.

É injusto crer que o médico assumia a responsabilidade do mal, quando nós não temos culpa dele, mas acho justíssimo fazer assumir essa tremenda responsabilidade quando temos culpas no cartório.

Se o «Sport Lisboa e Bolama» quizer que se meta mãos à obra nesse compro-

Comemorando a passagem do seu 5.º aniversário, resolveu a Direcção do «Sport Lisboa e Bolama», publicar um número especial de jornal com o programa das festas que vai realizar, aproveitando a colaboração de algumas pessoas que alguma coisa dissessem sobre Bolama e sobre os Desportos.

É caso inédito nos annos desportivos da Guiné, a publicação de um jornal. Convidado a escrever algumas palavras sobre a influência dos Desportos na educação física do individuo, não me eximi em o fazer, muito embora reconheça a falta de competência para tratar de um assunto tão profundo, mas somente aceitei o convite, movido pelo desejo de querer ser prestável, auxiliando os que tomaram a peito tão digna tarefa.

O corpo humano, necessita de movimentos que ponham em acção todo o seu sistema muscular; para isso se pratica a ginástica, ou seja a educação do movimento e os Desportos.

A causa desportiva está em foco há alguns anos a esta parte. Por ela se têm batido grandes valores médicos, e ela é hoje protegida pelos governos de todas as nações.

Não há hoje povo através do mundo, que não pratique as diversas modalidades de Desportos, sabido como é, que eles são o revigoramento da mocidade,

a preparação física da gente moça — homens de amanhã — e que só com eles e com a prática de ginástica apropriada, se consegue ter um escol de gente sã, cheia de força e alegria, que lute tenazmente contra todas as vicissitudes que os tempos modernos a cada passo nos sugere.

O futuro dos povos está nos novos. Assim o compreendem as primeiras nações do Mundo, preparando a sua mocidade com um grande desenvolvimento físico começando a exercer uma grande e salutar acção nas crianças, ministrando-lhes nas primeiras escolas, e ajuda em tenras idades, principios de ginástica rítmada.

A Alemanha, é presentemente o primeiro país do Mundo que mais fisicamente cuida dos novos, preparando um povo forte, saído e vigoroso, pelo emprego dos Desportos apropriados às idades da gente moça. Em Portugal muito se tem feito nos últimos anos no campo desportivo, destacando-se sobremaneira o grande incremento que aos Desportos vêm dando as mulheres portuguesas.

É que o Desporto é necessário a todos, novos e velhos, homens e mulheres.

Com o Desporto, além de se conseguir um forte núcleo de autênticos valores físicos, musculaturas de aço, homens tenazes e resistentes a tudo, consegue-se também a criação de bons caracteres. O Des-

tem, e é mesmo a única modalidade que o «Sport Lisboa e Bolama» pratica.

Julgo porém, que se outras modalidades se não praticam já, o facto se deve tão somente às difíceis situações dos Clubes desta cidade, situações que nada lhes permite realizar, pois as suas receitas normalmente não dão para as despesas correntes. E por isso mesmo é que é necessário que os Clubes tenham além do auxilio particular, o auxilio material das entidades oficiais.

Reconhecida como imprescindível para o desenvolvimento físico da mocidade, a prática de adequados Desportos, é preciso primeiro que tudo, possuir campos e instalações apropriadas. Estas custam sempre muito dinheiro e os Clubes não podem — porque é completamente impossível — realizá-las com as suas receitas. Não é porém, só entre nós, Clubes pobres, que isto sucede. Na Metrópole está-se presentemente procedendo à construção do Grande Stadium Nacional, por conta do Governo, e que custa muitos milhares de contos. Em Bolama impõe-se portanto também a construção de um campo de jogos, e no porto uma grande piscina.

E sabido como é, que estas realizações não podem ser levadas a efeito pelos Clubes, ao Governo da Colónia e a Comissão Municipal competem dar todo o auxilio material, para tão útil e grande obra.

Cuidando pois do desenvolvimento físico dos novos, quer pela ginástica, quer pela prática de adequados desportos — o que constitue uma obra meritória — necessário é também cuidar do seu carácter. Aliada à preparação física do Desportista, deve andar sempre a educação física. Não é bom desportista o que não for correcto e leal; e a correcção deve ser sempre posta á prova em todos os seus actos e muito principalmente perante o seu adversário.

Ganhar é a obtenção da victoria, mas saber perder também é honra.

O desportista perdeu uma partida, ou porque o seu adversário era mais forte e estava melhor preparado, ou por falta de «chance». É que por vezes sucede ganhar o mais fraco, ante o pismo do mais forte. Em qualquer caso, deve o bom desportista conformar-se sempre com a victoria do seu adversário, salvo casos muito excepcionais.

Se perdeu porque era mais fraco, deve cuidar da sua preparação para poder vencer no futuro; se perdeu por falta de «chance», deve resignar-se com as imposições injustas do factor «sorte».

Mas acima de tudo, deve ser sempre correcto e leal, e não procurar nunca, — como sucede no «foot-ball» —, o desabafar da sua raiva, nas canelulas dos adversários.

As duas modalidades desportivas que a meu ver, mais aqui se deviam praticar, são: — a natação e o remo.

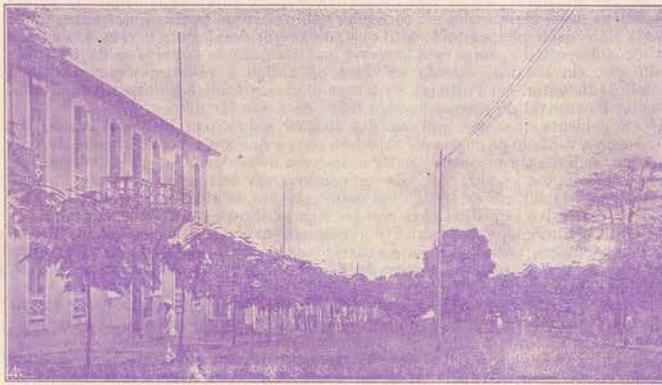
A natação é a facultade que os peixes e outros animais tem de se sustentarem, moverem e deslocarem na água.

No homem esta facultade não é natural; nele a arte de nadar constitue uma espécie de ginástica, por si mesma excelente, considerada na vanguarda dos exercicios mais salubres, tanto na infancia como na adolescencia.

A natação dá ao homem a possibilidade de resistir a um elemento para cujo meio não foi criado, de se deslocar em todas as direcções e sentidos, sustentando-se sobre a água, atravessar distancias completamente mergulhado dentro dela, cessando assim por momento, a sua respiração.

Dá-lhe ainda mais a possibilidade de poder salvar a sua vida quando caído á água, e de poder salvar a vida ao seu semelhante. Não saber nadar, constitue para o homem que vive junto do mar, dos rios ou dos lagos, uma grande vergonha.

Como Desporto, tem a natação grandes vantagens, sendo as mais importantes as seguintes:



Bolama — Edifício dos Serviços de Fazenda

misso, cá estou todos os dias na consulta, ao vosso dispor.

É necessário o exame «médico-desportivo» daquelas que pretendam praticar o Desporto, e proibi-lo a todas os que não tenham ficha limpa de boa saúde e escorreita, para o poder praticar.

Todos nós sabemos, principalmente aquéles que uma vez o praticaram, mesmo como «furiosos», que é um dos mais violentos, principalmente quando sem «association», sem regras e sem corporativismo — que me parece o melhor do jogo. Mas assim, sem eira nem beira, é concerteza o pior dos jogos que se devia condenar mesmo jogado nos grandes Estádios dos ipercivilizados com carácter internacional a mais parecer pugna ou guerra entre nações, que desporto.

Mas o artigo já vai longo e não vale abusar do amável convite da Direcção do Clube ainda que somente para fazer doutrina que outro fim não tenho em vista.

As minhas felicitações sinceras pelo presente aniversário que se comemora com os bons desejos que façam muitos e bons atletas por esta Guiné, para compita do esforço da raça medido e dirigido para não cair no outro lado da tarefa.

Bolama, Novembro de 1938.

A. V.

porto tem uma grande influência no espirito e na moral do individuo. O desportista ama a liberdade, o ar, a luz, enfim a natureza bela que lhe dá estes elementos imprescindíveis á prática do exercicio físico. O desportista quer correr, pular, encher a fundo os seus pulmões de ar fresco e puro, preparando o seu organismo a opôr uma resistência grande á invasão microbiana espalhada pelo ar, que procura a primeira deficiência orgânica para se instalar no nosso corpo, e af exercer a sua acção ceifadora das nossas vidas.

Em Bolama pouco se pratica o Desporto. Um bocado de «foot-ball» e um quasi nada de «tenis», e eis as modalidades desportivas da gente moça desta terra. Outras modalidades há, mais salubres e benéficas que estas, que se deveriam praticar em grande escala, porque temos condições ótimas para isso, e são: — A natação e o remo.

O «foot-ball» é o Desporto mais praticado em todo o mundo; é o Desporto que mais atrai e entusiasma as multidões; é o Desporto que mais adeptos e simpatizantes tem, mas não é o Desporto que mais convenha á preparação física do individuo. Praticado em excesso, sem método e sem a vigilância médica, dá resultados contraproducentes. A sua prática entre nós, num clima tão quente como o nosso, julgo até que elle prejudica o desenvolvimento físico daquelles que o praticam, enfraquecendo-os. No entanto é o Desporto que mais desenvolvimento

O «Mato Grande» no Rio Grande de Buba

É completa como exercício físico;
É de fácil aprendizagem e prática;
É higiénica pelas condições em que se pratica;
É tónica, pelo meio em que se cultiva;
É adaptável a todas as idades;
É útil como elemento de defesa do indivíduo;
É humanitária como processo de salvamento.

A natação constitui enfim, um desporto completo como exercício físico. Praticada no mar, obriga o indivíduo à respiração de ar puro e iodado, sem poeiras, e como dentro da água a entrada de ar nos pulmões é cinco vezes mais, isto é enquanto na respiração normal a entrada de ar para pulmões é de 9 litros por minuto, dentro da água entram 45 litros, donde resulta uma conversão de sangue venoso em arterial mais forte, e obriga ao mesmo tempo a um apreciável desenvolvimento muscular da caixa torácica.

O melhor método para aprender a nadar é o que for mais rápido e mais agradável. A natação para os principiantes, é um exercício violento por ser desordenado; geralmente apodera-se dele o medo de morrer afogado, pelo que é da máxima conveniência, começar por mergulhar afim de perder o medo à água.

O principiante cansa-se com facilidade, porque o movimento desordenado dos braços e pernas, aceleram as palpações do coração e acionam no mesmo grau, os movimentos respiratórios, com perda portanto de uma grande quantidade de forças.

Ao fim de alguns dias de exercício consegue-se já nadar, e com maior facilidade ainda, se ao principiante forem dadas algumas lições teóricas, sobre a maneira como deve efectuar os movimentos combinados dos braços e das pernas.

A natação é pois um desporto excelente e magnífico que todos devem praticar, incluindo as crianças e as mulheres, porque aqueles que a praticam, tomam um triplo banho de água, ar e luz.

Possui todas as condições para o robustecimento físico da mulher, para o desenvolvimento harmonioso de todo o seu corpo, pois mantém-lhe e dá-lhe uma elegância de formas que difficilmente encontrará na prática de um outro desporto.

Praticada ao ar livre, com toda a liberdade de movimentos, conserva-lhe e aumenta-lhe a sua feminilidade, não lhe causando excessiva ou exuberante musculatura.

As crianças deviam ser obrigadas à prática da natação, porque além da conveniência do banho frio muito salutar, o contacto da água do mar, evita-lhes muitas doenças próprias da infancia.

Mas para se conseguir este desideratum, é necessário construir no porto de Bolama, uma grande piscina, ou ainda melhor, preparar convenientemente uma determinada extensão da praia cercanda-a de rede de cabo de aço. E, isto é claro que não pode ser feito pelos clubes sem o auxilio dos particulares e das estancias officias.

Não se pode praticar o remo sem ter um bom treino de natação. Os clubes nauticos não consentem que nenhum dos seus associados pratique este desporto sem saber nadar.

A natação é portanto uma exigência para todo aquele que queira dedicar-se ao desporto do remo. Este é como exercício físico, mais violento que a natação, e por isso mesmo, mais benéfico ao desenvolvimento de todos os musculos que trabalham simultaneamente de cada lado do corpo. Remar é difficil. Um bom remador leva alguns anos a fazer-se. É preciso um treino muito aturado para poder aguentar a remar em grande extensões e a toda a força dos musculos. O remo não é um desporto caro. Em Bolama então ele seria baratissimo, e a nossa bafa é excelente para nela se remar em todos os sentidos e sem perigo algum. O remo até para os timoratos é excelente, pois nele não há lugar a accidentes de especie alguma;

É uma propriedade de 9.000 hectares, pertencente à Casa Silva Gouveia, desabitada há dezenas de anos pelo indigena, que nela crê residir o «iran-o fiteiceiro, que em furiosas noites de tempestade mata o desgraçado viajante que dela se aproxima.

É tal a superstição sobre aqueles lugares que (ouvi dizer a velhos marinhos), qualquer embarcação que cruze o rio em occasio de «tornados», os seus tripulantes preferem morrer afogados nas águas do Rio Grande de Buba a procurar refugio nas terras do «Mato Grande».

E ainda, segundo a versão do indigena, quantas vezes, quem passa mais perto das suas praias, sente o sepulchral silencio da noite ser interrompido por gritos e berros misteriosos que atunega, apavorado, para bem longe, o visinho accidental daqueles sitios.

Ora, quem conhecer a vida do europeu, em Africa, sabe que, de todas as distrações que elle possa inventar, a caça é a que oferece mais atractivos ao seu espirito aventureiro e à sua alma sedenta de emoções; e, a lenda sobre o «Mato Grande», não pode, com certeza, deixar de ser motivada senão pela fabulosa existência de animais selvagens que a povoam, por ser desabitada.

Assim, um grupo de amigos, que, no

sombra transparente duma folha de papel de seda, ao gigante Octávio Moreira, com pulso capaz de estrangular um urso, havia de todos os calibres.

O Mário Pavillon, folgazão, sempre com a alegria destrahida para consolo e regalo de quem o ouve.

O Vieira da Silva, tolerante para todas as asneiras e grande companheiro nestas horas de deafastio.

O Espada, com o seu complectissimo calão alfacinha... ou não fosse elle lisboeta.

O Castanheira, sempre bem disposto, etc, etc.

E, como em todas estas coisas, não faltavam armas velhas e ferrugentas, cartuchos carregados com as mais variadas pólvoras e os mais disparatados chumbos, os creados, as panelas, o rancho, os garrações com a água e o vinho, as facas, a lanterna de caça, e, enfim tudo quanto é preciso a quem se dispõe a lutar com feras e fantasmas.

E, ei-los, pelos fins duma soberba tarde de sábado, como sardinha em canastra, empilhados, brancos e pretos, numa pequena embarcação a gasolina, demandando alegres e contentes, abandonados das misérias do velho burgo bolamense, a entrada do Rio Grande de Buba, que o farol da Ponta da Colónia sinalisa.



Bolama — Palácio do Governo

temtulo da monótona e insípida vida da Guiné, procura fugir aos seus perniciosos efeitos; levou a cabo, há pouco tempo, um passeio àquella propriedade, onde ruínas, avantajadas ainda nos restos de formidáveis edificios do tempo das velhas feitorias, atestam o que foram as épocas áureas daquellas regiões. Eram sete:

Desde o «magriço» Torres da Costa,

não há contusões, feridas ou traumatismos de qualquer especie.

Com todas as facilidades que há para a prática do remo, quasi ninguém aqui o pratica, a maior parte por medo à água por não saberem nadar.

A mocidade da Bolama é anti-desportista, porque tendo muitas facilidades, não as aproveita para praticar as diversas modalidades desportivas, cuidando assim do seu fisico; aprender a nadar é muito facil e quem sabe nadar pode remar.

Depois da prática do remo viriam as regatas, praticando-se também «Velas», e a mocidade de Bolama, sairia desmuitismo em que vive, que mais parece uma mocidade definhada, sem actividade de especie alguma, do que uma mocidade que vive nos tempos em que os portugueses mostram ao Mundo, que em Desportos, são já grandes, entre os maiores.

Bolama, Novembro de 1938.

V. C.

Já em pleno Rio Grande, começa a anoitecer.

E, como para se caçar de noites exige escuridão completa, a luz do dia começa a dar lugar a um negrume de tal ordem que, instinctivamente paralisam as conversas e os olhares convergem para o ponto escolhido de antemão para se pernhoitar, ponto esse ainda longe e que desaparece totalmente, logo que é noite, mas noite a valer; destas noites africanas, sem luz e sem lua, em que espectros de monstros marinhos parecem querer agarrar o casco da pequena embarcação.

A alegria deu lugar a uma certa preocupação, pois duvidava-se da boa chegada ao porto combinado; Gambiti.

Mas, os conhecimentos do guia, levavam a bom termo a viagem, e, pelas 9 horas da noite efectua-se o desembarque, com peripécias, como sempre, nestas praias de lama, onde, á mistura com mil impecações e trambulhões, o corpo se chega a enterrar até á cintura.

Chegados e acampados ao lado de 2 miseráveis choupanas de pescadores e á volta duma mesa, onde uma alvissima toalha nos deslumbra com appetitosa bacalhoadá, a que todos faremos honra, com proveito.

Das duas lanternas «Vacuum» irradia, em plena floresta, luz a jorros, que faz voltar a alegria e que contrasta singularmente com o silencio sepulchral do mato virgem que nos rodeia.

Tudo decorreu, naquelas duas gastronómicas horas, o melhor possível, o mais optimamente possível.

Corpo refeito e alma disposta a todas as loucas aventuras, uma volta pelo mato rendeu-nos alguns pequenos antilopes que, de madrugada, serão saboreados em succulentos e alimentares croast-beefs.

Horas de descansar! Meia noite. Uma choupana abandonada, onde passelam despreocupadamente escorpões e a formiga carniceira e, possivelmente talvez, também exista alguma giboia alapardada nalgum canto escuro, serve-nos de pousada.

Curiosa noite!

Só uma pena mestra poderia descrever o paradisíaco nos daqueles homens, rodeados de aranhões gigantescos, dormindo «à lá diables» sobre esteiras, estendidas no chão, numa velhíssima cama desconjugada e sobre umas rédeas por cujos buracos cabia o corpo do dorminhoco.

Poético, saudável, pitoresco e..... africano.

Pois se até pelas paredes dessa abandonada choupana, o vento uivava, sinistro e gelado!!!

Rompe a madrugada de domingo.

Depois de refastelados novamente com um poderoso «mata-bicho», embarca-se para o «Mato Grande», não sem que Octávio Moreira experimentasse com umas sacudidelas bruscas e valentes, se a pequena canoa de pescador transportaria o seu pezado corpo até á nossa embarcação; felizmente o minúsculo barco cumpriu briosamente a sua missão.

Soberba manhã e grande rio, o de Buba!

Espectáculo inolvidável, para quem está habituado a contemplar diariamente os velhos mangueiros da cidade de Bolama.

A travessia levou 2 horas, mas, para chegarmos ao nosso destino, necessário foi que os tripulantes duma canoa, casualmente aparecidos, nos indicasse sem, espantados, o «Mato Grande», admirados de que houvesse alguém que quizesse desvendar os seus mistérios. Eis-nos fundeados e desembarcados numa soberba praia, cujo cascalho brilhava com estranho fulgor sob os raios de sol daquela esplendida manhã.

Corremos para o local que nos tinha sido indicado por um empregado da Casa Gouveia, que, em companhia de outros colegas seus, tinha visitado a propriedade em 1925.

Quêdos e mudos ficamos todos, ao surgir repentinamente, por entre emaranhado mato, as ruínas, mais duma fortaleza, que de velha, poderosa e centenaria feitoria, a atestar á Posteridade, a audácia, a coragem dos portugueses, que em eras afastadas já, dominaram a Costa Africana, desde Marrocos ao Cabo.

Altíssimas paredes, ainda seguras, com as janelas entaipadas com tijolos e um largo portão, atravancado por uma árvore (poilão) colossal, com mais de 100 anos de existência.

Nas trazeiras das ruínas, um subterrâneo, muito bem conservado, com uma abertura quasi circular, foi motivo de discussão sobre o fim para que teria sido construído; a incógnita manteve-se, depois do mesmo ter sido visitado por J. Costa e Torres da Costa que, quasi asfixiados, tiveram que ser socorridos por Vieira da Silva.

Mário Pavillon, antes da visita, tinha deitado para o fundo da entrada, palha, a que lançou fogo para afugentar os morecos amarelos! (senhores morecos amarelos!) e, possivelmente, alguma cobra que lá estivesse; daí o encher-se o subterrâneo de fumo que prejudicou as pesquisas daqueles dois amigos.

Ao mesmo tempo, os outros companheiros, mais dados ao furor da caça, internaram-se no mato, perseguindo

(Continua na Pág. OITO)

Bombeiros Voluntários

Mens Saná...

Convidados a colaborar, com duas palavras, no interessante programa dos festejos anuais do popular Club «Sport Lisboa e Bolama», sobre a vida dos Bombeiros Voluntários desta cidade, reconheço que aceitando a amabilidade não posso ser útil porque é do conhecimento geral da população toda a evolução da vida associativa da Corporação. Mas como relembrar é viver, embora enfadonho, vamos historiar um pouco a sua vida íntima:

Nasceu a Corporação da vontade de meia-duzia de homens que, com todo o desinteresse e não olhando a vários escolhos que se lhes apresentavam, conseguiram com o seu esforço montar esta humanitária Associação.

De início o material que se conseguiram adquirir era propriedade da Comissão Urbana desta cidade o qual se encontrava completamente inutilizado, devido a nunca o terem beneficiado, e só quem assistiu ao que foi preciso fazer pode avaliar as canseiras e esforços despendidos de forma a poder regularmente servir em qualquer sinistro.

Compunha-se de um carro de transporte de material e uma bomba «Flaud», ambas de tração braçal, e de vário material que foi possível juntar, mas que, devido ao seu estado, pouco foi aproveitado.

Pouco a pouco tem sido adquirido material moderno contando hoje, já, com uma maquina rodada, um auto-tanque e pronto-socorro automóvel equipado com uma moto-bomba «Nothrn».

A composição do Corpo Activo é de 25 bombeiros e 10 aspirantes, os quais estão sujeitos a uma rigorosa disciplina, e felizmente raros são os casos em que tenha sido aplicada a pena de expulsão.

A manutenção financeira desta Associação tem sido angariada por meio de festas que, devido á sua organização, satisfazem integralmente todos os compromissos, e podemos dizer que, presentemente, nada deve e possui nos cofres alguns milhares de escudos.

É também preciso salientar o carinho e boa vontade encontrada sempre, tanto no comércio como no público em geral, pois, triste é dizê-lo, a cotização mensal não cobre a despeza da renda da casa nem o salário do servente.

Do Governo da Colónia é ocioso encarecer os grandes benefícios recebidos, tendo sido possível que, duas Comissões Municipais inscrevessem nos seus Orçamentos de 1937 e de 1938 subsídios muito de apreciar e que aproveitamos ocasião de mais uma vez agradecer.

Em projecto encontra-se a aquisição de um edificio para nele se instalar a sede da Associação e onde será, também, organizado um ginásio com material indispensável.

Agradecemos reconhecidos á Ilustre Direcção do «Sport Lisboa e Bolama», o convite com que nos honrou e desejamos sinceramente que os seus festejos sejam coroados de exito.

Bolama, Novembro de 1938.

R. C. P.

(Continuação da Pag. UM)

unida ao retumbar unsono das desasombradas afirmações teutónicas, traça destinos de povos inteiros!

E toda esta superioridade que marcam as duas grandes nações no xadrez da politica mundial, é o produto claro, evidente e inofismavel da grande verdade que encerra a frase: «mens sana in corpore sano».

Em Portugal, um nóvo palpitar de interesse pelo fortalecimento, pela verdadeira masculinidade da raça, aparece agora, prometedor e benéfico, através de várias realizações do Estado Nôvo.

A «Mocidade Portuguesa» — instituição em que, a par da tempera das almas no crisól do amor pátrio, se robustece o corpo desde a infantilidade e se deixam vibrar os nervos juvenis em atitudes másculas que denunciam a consciência do valor próprio — a «Mocidade Portuguesa» é bem a crisálida prometedora desse desabrochar de um futuro próximo do robustecimento de um povo que foi dos maiores manejaadores de espadas, lanças e montantes sopesados por braços fortes e arcabonços atléticos.

Pela existência dessa instituição, firma-se em Portugal a consciência da necessidade de criar gerações de homens fortes que á produção do intellectuo possam dar a cooperação de um corpo equilibradamente proporcionado, resistindo aos quebramentos da energia, aos desfalecimentos do espirito.

A par e passo, outras realizações vai o Estado Nôvo effectuando, todas no sentido de preparar e estabelecer a evolução fisica da raça. A criação da Junta Nacional de Educação Física, a construção do grande Stadium Olímpico, são já testemunhos eloquentes de que se arregaou nos patrióticos desgnios dos governantes de Portugal a firme ideia do ressurgimento daquelas gerações luziadas que, orgulhosas da força dos seus braços e da épica bravura das suas almas, fizeram baquear poderes, retalharam as lendas tenebrosas do Atlântico de mistérios e responderam, soberbas e destemidas, ás ameaças de povos mais fortes em número e em territórios.

Quem poderá negar que foi na consciência da própria força — que estimulava a bravura e amparava a fé — que os portugueses de antanho venceram em tantas pugnas heroicas?

E a Ideia Nacionalista que vai procurar na tradição os salutareos exemplos de ontem para fanais esplendorosos das gerações de hoje e de amanhã, não podia esquecer que á robustez da Raça — que a Fé patriótica e cristã acrisolavam — deve Portugal a formidanda epopeia histórica do seu passado.

Na nossa Guiné, essa necessidade, que anda estreitamente ligada ao dever colonizador de olhar pelas gerações de amanhã, não se esquisitou, ainda, sequer, em quaisquer realizações de caracter official.

No sector das actividades particulares, sómente isolados iniciativas vão, dificulosamente, arrastando o fardo do desinteresse geral. Um outro auxilio financeiro — avaramente discutido — podem ter obtido de entidades officiais. Tal, porém, não basta e preferível seria que, embora sem auxilios financeiros, se sentissem amparadas, encorajadas por uma assistência moral que as estimulasse, para que do seu esforço pudesse resultar a finalidade que é necessário atingir.

Não mantém o Estado qualquer modalidade de cultura fisica das populações escolares — aliás, hoje em dia, obrigatoriamente existindo em todos os estabelecimentos de ensino primário e secundário. Os vícios de conformação, as deficiências orgánicas, a fraqueza muscular, características impressionantes da grande maioria dos escolares da Colónia, não encontra, assim, qualquer correctivo.

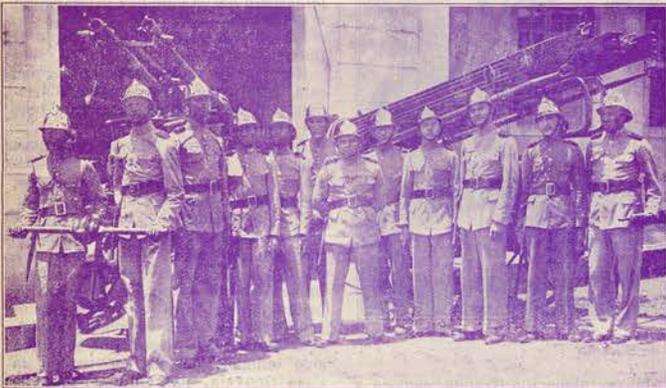
Que produtos de adolescência poderão sair dessa geração infantil raquítica, enfesada, evitada de defeitos, que nas raras formaturas em que a temos visto, sem garbo, sem apurmo, nos causa a impressão de uma Colónia de convalescentes?

Se o Estado, por motivos que não nos cabe apreciar, não julgou ainda oportuno cuidar dessa indispensável preparação infantil ou não pôde fazê-lo em razão de insuficiências financeiras ou de factores técnicos de actuação, essa lacuna poderia ser, em grande parte, preenchida pelas agremiações desportivas locais — como se tentou já — se algum apoio e encorajamento lhes fosse prestado por parte de entidades officiais, e se além disso recebessem da população civilizada, não sómente críticas aconselhadas por despeitos ou por desinteresse, mas também, quando fosse justa, a devida consagração do seu esforço.

Estamos traçando estas linhas, simples e despretenciosas, para o número único de um jornal-programa com que o «Sport Lisboa e Bolama» comemora a sua instalação nesta cidade. É oportuno, pois, dirigir um apêlo ao Governo da Colónia, á frente do qual se encontra um médico illustre que compreenderá bem a razão das palavras que deixamos aqui tracejadas, para que as iniciativas particulares que envolvem não só a finalidade de cultivar a robustez fisica da mocidade, mas também a de pôr uma mancha de civilização e alegria espiritual nos meios sociais em que, hoje, difficilmente conseguem manter-se, sintam o amparo official a que têm jús, até legal, as corporações de formação moral. E, para esta, é factor de valor inegavel a boa formação fisica:

«Mens sana in corpore sano».

V. H. M.



Bombeiros Voluntários de Bolama



A COMPETIDORA

Grande sortido de ferragens, tintas, papelaria, artigos de viagem, etc.

Agente nesta colónia: dos afamados relógios suíços **SUSINA** e das máquinas de escrever **URANIA**

Artigos fotogrâficos sempre recentes

Quereis Dinheiro? (MUITO DINHEIRO)

Jogai na «Esfera da Sorte» Durante os festejos do «S. L. B.»

PAVILHÃO EUROPA

De José Alves da Silva



Bebidas nacionais e estrangeiras



Praça Infante D. Henrique

O LUGAR MAIS APRAZIVEL

ALGUMAS centenas de médicos portugueses afirmam ser a *Água de Grichões* verdadeiramente miraculosa na cura de todas as doenças do fígado, rins, bexiga, intestinos, estomago, etc.

É usada em todos os sanatórios portugueses e não tem rival em todo o país. Ao contrário de várias outras águas não é descalcificante. Aqui na Guiné já ha autenticos milagres operados com a *Água de Grichões*.

Em garrafas, gaseificada (optima com Whisky), vende-se em todas as cervejarias de Bolama, Bissau e Bafatá. Em garrações de 5 litros, para tratamentos, vende-se em Bolama na Casa JÚLIO LOPES PEREIRA e em Bissau na Casa NUNES DOS SANTOS.

Agentes Gerais na Guiné:

BESSA LOPES, L.^{DA} — BISSAU

Água de Grichões

(Rádio Azotada)

"Royal"



**É a máquina de escrever
que se impõe pelas
características do seu fabrico**

Representante na Guiné: **Júlio Lopes Pereira**

**Comissões --- Consignações
Importação --- Exportação**

Pantaleão C. R. Dias

**Bolama
Guiné Portuguesa**

LOURENÇO MARQUES DUARTE

Mercaria, Chapelaria, Novidades
Artigos para indígenas
Importação directa dos principais fabricantes

Rua Marquez d'Avila e Bolama

Enderço Telegráfico: «MARDU»

Caixa Postal 91

BOLAMA
GUINÉ PORTUGUESA

B O L A M A

(Continuação da Pag. III)

tução geográfica. Colocada quasi na foz do Rio Grande de Bolola, constituia, por assim dizer, passagem obrigatória para os consideráveis postos ou feitorias portuguesas de Guinala, Buguba ou Biguba (Buba) e Bolola, sitas em chão biafada.

Bijagós e Biafadas, inimigos entre si, acolhiam bem os mercadores portugueses. De sorte que, desde muito cedo, desenvolveram activo comércio em seu reino. Antes de 1574, já os indígenas das margens do Rio Grande falavam o português e vestiam ao nosso modo, — testemunha Almada. E este autor alonga-se a descrever-nos, minuciosamente, os costumes e interesses destas gentes. O mesmo bom acolhimento teríamos na ilha de Bolama, igualmente habitada de biafadas.

As duas mencionadas raças — ou como queiram chamar-lhes — tinham, porém, contas atrasadas... Segundo a tradição, arquivada por Azevedo Coelho, os bijagós haviam possuído, inicialmente, o chão dos biafadas, do qual estes os expulsaram, avançando do interior da colónia. Os bijagós ter-se-iam visto assim obrigados a retirar para as ilhas do arquipélago fronteiro, a começar pela Roxa ou de Canhabaque. Ainda ali os foram importunar os Biafadas então poderosos. Como consequência dessa opressão, sobreviu a revindicta bijagó dos séculos XVI e XVII, principalmente dos começos deste. (7)

Tão pesados e repetidos foram os assaltos e tamanho o desfôrço dos bijagós, que os Biafadas de Bolama abandonaram a ilha e andavam erradios pelo continente. Já em 1669, ela se achava deserta. Particularmente atingidos, o régulo e indígenas de Biguba andavam metidos pelo mato. (8) E os Bijagós depreciativamente chamavam aos Biafadas «as suas galinhas». (9)

A luta porfiada entre estes negros foi benéfica a Portugal. Em 1607, cansados já os biafadas de tamanha opressão, os régulos de Bolama, de Bolola, Guinala e Biguba pediram vassalagem e auxílio a Portugal. Incumbiu-se dessa missão um dos padres da Companhia de Jesus, missionário em Biguba. E, no mesmo sentido, o P. Baltazar Barreira, Superior da Missão Jesuíta de Cabo Verde e Guiné, dirigiu uma carta a Filipe II (10).

A ilha de Bolama era intensamente arborizada. Durante o século XVII, forneceu quantidade de madeira ao Arsenal, a Cabo Verde e a particulares da Colónia. Francisco de Lemos teve um navio construído de uma madeira chamada na ilha «ameixoira» (sic), o qual lhe durou mais de vinte anos sem uma única picada. Isto dizia ele em 1684. (11)

O comércio do arquipélago bijagó interessava não só às feitorias do Rio Grande, mas às de Bolama e Cacheu,

que, entre os bijagós, recolhiam a maior parte dos escravos. Os mesmos estrangeiros procuravam obtê-los directamente. Em 1681, o francês João Lafont buscava práticos, em Bissau, que o levassem ao arquipélago, com vistas na aquisição de escravos. O missionário franciscano Fr. António do Beco conseguiu impedir semelhante viagem. (12)

Bolama interessava a Portugal, entre outros motivos, pela sua proximidade das feitorias do Rio Grande e por constituir ponto de escala da navegação de pequena e grande cabotagem, que demandasse o arquipélago, em viagem noroeste-sudeste. Os estrangeiros ambicionavam-na também, do que davam provas isoladas. Corria o perigo de a perdermos como perdáramos outros pontos magníficos desta costa ocidental.

Nestes termos, e a fim de evitar questões futuras, o governador da província ordenou que tomássemos posse oficial da ilha. E assim, em 4 de Abril de 1753, o capitão Bento José Nogueira cravava no porto principal dela — actual? — um marco de pau de sete palmos de comprimento, encimado pelas armas reais, abertas em talha. Do facto lavrou-se auto, assinado pelos assistentes: O mencionado capitão, o sargento-mór, regente da povoação de Gtba, Sebastião da Silva Barros, o Padre António da Silva Monteiro e o missionário franciscano

rapaz novo e ardente, concebera o projecto de estabelecer em África uma colónia, cuja finalidade não seria o tradicional comércio, mas o amanho de terras por gente livre como meio prático de civilisar o negro. A descrição que o P. Labat fazia da ilha de Bolama, levou-o a preferir este ponto. A ideia foi secundada pela aprevação do governador inglês.

Em Maio do referido ano, atracava a Bolama o primeiro barco da sociedade, que se propusera introduzir, aqui 275 colonos, depois de um dispêndio de 9.000 libras. No dia 25 saltavam em terra tripulantes do Calypso, mais velho do que Hankey e o Beggar's Bannison, — a frota da empresa. Os colonos construíram algumas barracas; mas, em 3 de Junho, os bijagós assaltaram a incipiente e intrusa feitoria, matando e aprisionando. A maior parte dos colonos conseguiu safar-se para o barco, que levantou ferro em direcção a Bissau, onde encontrou os restantes barcos da sociedade.

Os ingleses ficaram devendo, a um negociante de Bissau, a mercê de lhes resgatar os patrios presos em Bolama e já recolhidos a Canhabaque, pelos bijagós.

Beaver não desanimou. Optando, então por meios pacíficos, procurou subornar os régulos de Canhabaque, para que lhe cedessem a ilha de Bolama, e os de Guinala, considerados senhores dela, para que lhe garantissem a posse pacífica da mesma. E aos chefes indi-

Canhabaque para uma conferência, em Bissau, que teve lugar a 12 de Julho de 1828. O Biafada Fábão e o bijagó Damão confessaram terem dado apenas autorização ao Beaver para construir em Bolama casa de negócio. Não lhe haviam concedido a ilha por ela pertencer aos portugueses, aos quais competia povoá-la e estabelecer-se nela livremente, como desejavam. (18)

Pela segunda vez, tomámos posse da ilha; desta vez, porém, resolvidos a occupá-la e defendê-la eficazmente. A 9 de Maio de 1830, cumprindo ordens recebidas da metrópole, o coronel Joaquim António de Matos reuniu em Bolama os chefes de Canhabaque e do Rio Grande, e, perante eles, fez cortar ramos, lançou terra ao mar, mandou abrir alicerces duma fortaleza, lançou a primeira pedra dela, sobre a qual o rei Damão de Canhabaque deitou cal, em seguida ao que foi entoado solene «Te Deum», diante de uma imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, que sómente para este efeito se collocou. O facto terminou por salvas de artilharia e mosquetaria e vivas entusiásticas ao el-rei. (19)

Em 6 de Junho, achava-se concluído o primeiro quartel de Bolama e nele recolhida a força militar para aqui destacada, com o respectivo comandante e trem de artilharia. (20)

Em 6 de Junho do ano seguinte, o Governador da Gambia, coronel Findlay, oficiava ao de Bissau, protestando contra o corte de madeiras, em Bolama, e mandando arrear a bandeira portuguesa. Nosso Governador respondeu defendendo os direitos de Portugal, sem contentação dos ingleses. (21)

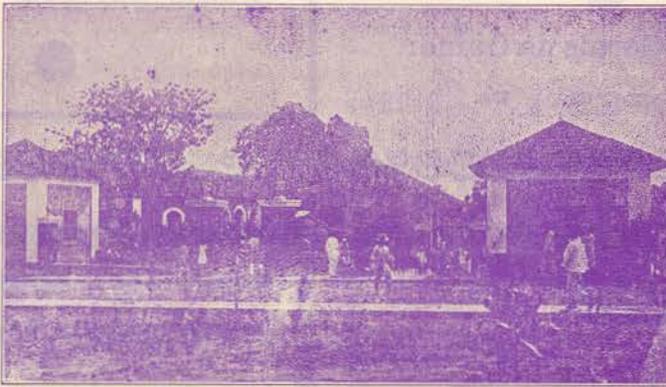
No dia 14 de Dezembro de 1837 o Governador Honório Pereira Barreto perante as autoridades de Bissau e outras pessoas, demarcava solenemente o local da futura povoação de Bolama: — «começaram a decorrer em precisão solene o terreno escolhido, segundo ordens superiores, pelo major, para fundação do novo estabelecimento que de ora em diante se denominará «Nova Mindelo», cantando ladainhas do costume». O Governador pregunton, depois, por três vezes, se alguém se opunha à posse. Ninguém tendo contestado, findou o acto pelo hasteamento da bandeira nacional, entre vivas e aclamações delirantes. (22)

A escolha do nome de «Nova Mindelo» para a primeira povoação de Bolama deve ter obedecido ao seguinte. O Decreto de 31 de Maio desse mesmo ano ordenara a mudança da capital da Província de Cabo Verde e Guiné, da Praia para a ilha de S. Vicente, construído-se, ali, uma povoação com o nome de «Mindelo». «Nova Mindelo», seria a capital da Guiné, por semelhança à da Província.

Em 18 de Janeiro de 1838, o major da praça de Bissau e grande proprietário, Caetano José Nozolini, foi nomeado director do estabelecimento de Bolama. Este official possuía aqui, desde 1835, uma propriedade esmeradamente cultivada; e, em 1837, fixara residência em Bolama. O magnifico estabelecimento agrícola, com que ele empregava mais de 300 escravos, teve imitadores, concorrendo todos para o desenvolvimento demográfico e agrícola da ilha. Nozolini encontrou entre o mato, quantidade de café bravo, de grão pequeno, do qual recolheu alguns sacos. Em Lisboa, esse café foi apreciado e considerado tão aromático como o de S. Tomé (23).

Bolama progredia a olhos vistos. Mas os ingleses não desarmavam.

Em 2 de Dezembro de 1838 o tenente «Kelle», comandante do brigue inglês «Brisk», tomou, à entrada do porto desta povoação, o navio português «Aurélia Feliz». Na madrugada de 10, assaltou a propriedade do Nozolini, tomou-lhe 212 escravos com o seu caixeiro, que mandou para Serra Leoa. O mesmo descasto praticou nas propriedades dos demais súbditos portugueses, da ilha. Seguidamente, a golpes de machado, cortou o mastro do posto militar, em cujo topo fluctuava a bandeira das qui-



Bolama — Mercado Municipal

Frei Francisco de Parada. (18)

Em 1752, veio à Guiné o capitão engenheiro levantar as plantas de Bissau, Cacheu e da ilha de Bolama. Durante o mesmo século, proussaguiu aqui o corte de madeiras, inclusivamente para as obras da fortaleza de Bissau, iniciadas em 1753. (14)

A primeira pretensão dos ingleses à ilha de Bolama data de 1792. O official da marinha britânica Filipe Beaver,

genas entregou mercadorias no valor de algumas dezenas de libras, — que foi quanto os britânicos perderam.

O official inglês estabeleceram-se em Bolama, como se estivesse na própria Inglaterra, confiado na nossa fraqueza e na palavra do gentio.

Mas os bijagós a cada passo importunavam-no. Ao mesmo tempo, as febres iam-lhe ceifando os poucos. Pelo que, em 29 de Novembro de 1793, ele e os restantes colonos levantaram os arraiais com rumo à Serra Leoa. (15)

De 1824 a 1827, levámos a cabo grandes explorações florestais na ilha. Só a «charrua» portuguesa «Orestes» carregou em 1826, em Bolama, 450 grandes paus de construção. Nestes trabalhos, ajudavam-nos, de bom grado, Bijagós e Biafadas. (16)

Em 1828, sir Neil Campbell, major general e chefe dos domínios britânicos da África Ocidental, veio ao Rio Grande, a fim de impôr aos régulos de Bolola e Guinala dois supostos tratados, datados de 1827, segundo os quais era reconhecida, aos ingleses, a posse pacífica da ilha de Bolama.

Os chefes biafadas disseram, muito naturalmente, que sim, apesar de ignorarem, por completo, o que os ingleses haviam escrito nos papéis apresentados. O vapor «African» e o brigue «North Star» metiam respeito até aos não indígenas (17)

Então o governador da Guiné convidou os régulos do Rio Grande e de

HOTEL CENTRAL

Cosinha à portuguesa

Ótimos quartos

nas; correu um soldado dos nossos a tomá-la; mas o britânico arrancou-lha das mãos e ultrajou-a, após o que afirmou, em que declarava Bolama possessão britânica.

Voltou em 15 de Abril de 1839. Novamente cortou o pau do pavilhão português, estilhaçou as armas do nosso pequeno destacamento, incendiou o quartel, saqueou e devastou a casa do Nozolini; e, a par de outras arbitrariedades, mandou comunicar verbalmente, ao Governador de Bissau, que o arquipélago dos Bijagos pertencia à Inglaterra, pelo que proibia, aos portugueses, navegar ou comerciar nêle. O Governador da Guiné protestou. O assunto passou, então, às chancelarias dos dois países. (24)

Os abusos continuavam, porém. Em Março de 1842, o vapor britânico da guerra «Plutão» fundeava ao lado da Ilha das Galinhas. Doad a em 1828 pelo régulo de Canhabaque ao coronel Joaquim António de Matos, que ali estabeleceu residência a partir de 1836, achava-se aquela ilha parcialmente agricultada e provida de moradias. No dia 8, o estabelecimento foi saqueado e devastado. Os piratas levaram a onduada até o ponto de pretenderem insultar gravemente a filha mais velha do proprietário, após o que a liquidaram com dois tiros de espingarda!

A ilha de Bolama coube a vez no dia 10. As casas de Nozolini foram devastadas e incendiadas. E a série de insultos continou, a pretexto de repressão da escravatura. Não cabe no âmbito desta resenha esmiuçar mais o assunto. Enumerarei, apenas as principais visitas dos barcos ingleses a Bolama, com intuitos sabidos: o brigue de guerra «Pantolon», em 23 de Maio de 1842; a corveta «Ferret» no dia 30 do mesmo mês; o «Rolla» em 13 de Janeiro de 1847; o brigue «Dart», o «Trident», o «Prometheus», etc. (25)

Numa palavra. O período de 1838 a 1870 é caracterizado, na história da ilha de Bolama, por uma sucessão complexa de lutas, de discussões e negociações; filhas da arbitrariedade inglesa, que porfiava em obter aquele magnífico ponto estratégico-marítimo do caminho da Índia.

Tais disputas impediram a formação do povoado bolamense e o desenvolvimento geral da ilha. Proferida, porém, a nosso favor a sentença arbitral de 21 de Abril de 1870, pelo Presidente dos Estados Unidos da América, e rehavida a ilha do poder dos ingleses, em 1 de Outubro seguinte, a breve trecho, a futura capital da Guiné Portuguesa se organizou, num entusiasmo enorme de domínio vingado, efectiva e definitivamente. (26)

Os resultados práticos dêsse fervor patriótico são demonstrados pelos números seguintes: em 1871, o valor da importação de Bolama atingia a cifra de 94:142\$765 réis, sendo o da exportação de 40:406\$294 réis. Dois anos mais tarde, as mesmas verbas elevavam-se, respectivamente a 95.890\$716 réis e 234:161\$359 réis. (27)

O crescimento desmesurado da exportação traduz, em termos bem explicitos, a formação rápida da povoação, pelo incremento dado à sua actividade comercial. Bolama ia sufocando o comércio de Bissau e de Cacheu.

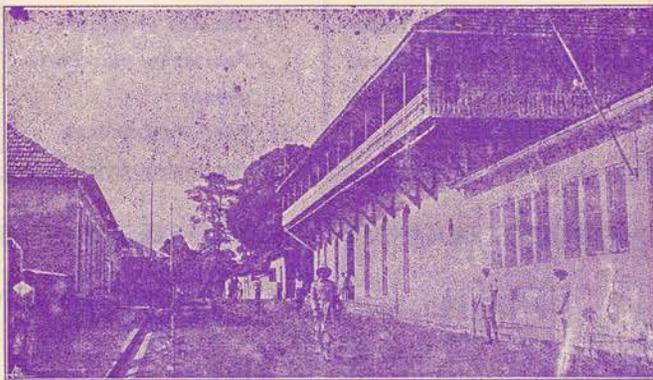
A portaria régia de 22 de Junho de 1870 conservou na Alfândega de Bolama a pauta usada pelos ingleses, a qual favorecia imenso o comércio com o indigena.

Decreto de 16 de Maio de 1871 erigiu em concelho o território da ilha de Bolama e do Rio Grande; deu àquela um destacamento militar de 25 a 35 praças, para efeitos de policiamento civil e fiscal; constituiu, aqui, um julgado; aplicou a Bolama a legislação aduaneira em vigor na colónia, excepto no respeitante à importação e exportação; finalmente criou uma freguesia em Bolama e outra no Rio Grande.

Em 28 de Julho do mesmo ano, ordenou-se o estabelecimento de repartições públicas, no novo concelho, idênticas às de Cacheu, devendo o chefe da Colónia do Rio Grande residir em Bolama, reunir atribuições militares e civis, e, com dois cidadãos, nomeados pelo governador geral, constituir uma comissão municipal de atribuições semelhantes às das Câmaras Municipais da Província. (28)

Portaria de 20 de Novembro do mesmo ano nomeou Luís António Marques como professor de instrução primária no concelho de Bolama. Em Abril do ano imediato, o facultativo Domingos Joaquim de Menezes, nomeado Delegado de Saúde da nova povoação, pedia casa onde se estabelecesse a ambulância, que, provisoriamente, ficou num quarto arrendado pelo Estado. Em 27 de Julho, a Junta de Fazenda de Cabo Verde aprovava a despesa de 3\$540 réis, para pagamento da renda da casa onde se estabelecesse a dita ambulância sanitária, — a primeira farmácia do Estado cá na terra, e, decerto, também o primeiro hospital. (29)

Em 1873, juntam-se materiais para construção da igreja paróquia e da alfândega. O professor Marques foi substituído, em Novembro de 1872, por José Paulo do Castelo Homem, que, em Junho do ano seguinte, cedia o lugar a José Carlos Rebelo Cabral, professor e, simultaneamente, escrivão da administração do concelho, da comissão municipal e do Juízo ordinário. Este ho-



Bolama — Rua João Chagas

mem, de «sete officios», cedeu a escola ao pároco, chegado em Julho de 1873. (30)

Decreto de 18 de Março de 1879 desanexou a Guiné de Cabo Verde, erigindo-a em província autónoma, e elevou a povoação de Bolama a capital.

Para aqui passaram, então supremas autoridades civis. Por esse motivo, o prelado diocesano, em Provisão de 8 de Maio do mesmo ano, transferiu para a nova cidade o cônego Marcelino Marques de Barros, Vigário Geral da Guiné. (31)

Termo com duas palavras sobre a paróquia da cidade. Criada em 1871, como fica dito, parece ter sido provida, apenas, em 1873. O primeiro pároco, Padre Augusto Maria Lino da Fonseca, principiou logo a exercer o culto em uma casa particular. A primeira igreja de Bolama, construída em ferro e tejo, como o quartel e o hospital da cidade, foi inaugurada em 19 de Março de 1881. Ardeu em 9 de Novembro de 1909 sendo substituída por um barracão de madeira até à construção da actual, terminada em 1930, para a qual concorreram todos os briosos habitantes de Bolama (32).

As presentes linhas, escritas precipitadamente, em 24 horas, se não tiverem o mérito de agradar a quem as solicitou, terão, ao menos, o valor de referir aos leitores um pouquinho da história da heroica ilha em que foram

(Resenha histórica)

escritas, que é um pedaço, cada vez mais valioso, do nosso Imperio.

Bolama, Novembro de 1938.

P.º A. J. D.

NOTAS

(1) Gomes Eanes de Azurara — «Crónica do descobrimento e conquista da Guiné. Cap. LXXXVII.

(2) André Álvares de Almada — «Tratado breve dos rios de Guiné do abo Verde. Porto 1811. Pg. 6. — Cristiano José de Senna Parcellos Subsídios para a história de abo Verde e Guiné. Parte VI, Lisboa 1917, Pg. 197. Pedro de Cintra visitou o mesmo arquipélago, em 1462, deixando-nos algumas notas interessantes. «Navegação do Capitão Pedro de Cintra... por Luis de Cadamosto, in-Coleção de noticias para a Hist. e Geogr. das Nações Ultramarinas»; I, 65 e sgts.

(3) Esmeraldo de situ orbis ed. de Epifânio, I, 3.º

(4) Tratado breve... 56.

(5) A carta de privilégio de 1466 encontra-se em Barcelos — «Ob. cit.», I, 21. — Também Duarte Facheco se refere ao nosso comércio com os bijagos e biafadas em Quatrocentos («Esmeraldo...», I, 31.º e 32.º).

(6) Apud — «Memória sobre os direitos de

log. cit. — Viria daí o nome à Ilha das Galinhas, vertido em português o termo bijagô? É possível.

(10) Barcelos — «Subsídios...», I, 199 — «Memória...», 101.

(11) Apud — «Memória...», 103 e 104.

(12) «Ibid.», 104.

(13) «Ibid.», 08.

(14) «Ibid.», 106.

(15) «Ibid.», 109-112.

(16) «Ibid.», 114.

(17) «Ibid.», 115-116.

(18) «Ibid.», 116 — Barcelos — Subsídios...

III, 385 e 389.

(19) Memória... 117 e 188.

(20) «Ibid.», 118.

(21) «Ibidem».

(22) «Ibid.», 118 e 190 1.

(23) «Ibid.», 118 9.

(24) «Ibid.», 119.

(25) «Ibid.», 121 e sgts. — Sobre estes assal-

tos a Bolama pode ler-se também Sena de

Barcelos, principalmente, na Parte VI, a

págs. 217-232 e 205-274.

(26) A sentença de Ulisses J. Grant, ver-

tida ao português, encontra-se em «Subsídios...

VI, 270 — Em 1843, Honório Pe-

reira Barreto escreveu: — «Seja o que for,

em julho Bolama perdida para a Nação

Portuguesa. — «Memória sobre o estado actual

da Senegâmbia Portuguesa... Lisboa 1843,

pag. 19.

(27) «Diccionario de Geografia Universal

por uma sociedade de homens de sciencia.

Tom. I, Lisboa, 1878, pag. 4.9.

(28) Barcelos — «Obr. cit.», VI, 273.

(29) «Actas das Sessões da Delegação Fiscal

da Guiné, 1871-1874. Fols. 6 r. 21 v. e

41 r. — Visto no Arquivo da Fazenda em

Bolama, mas actualmente no Arquivo Colonial

de Lisboa.

(30) «Mss. cit.», fols. 62 v., 53 v., 82 r e 89 r.

(31) «Subsídios...», VI, 300. — «Livros das

Provisões, Cartas e Pastoraes recebidas

nesta freguesia de S. José de Bolama: Anos

de 1879-1908. Il. 2. — Nos fins do século XVI

e principios do XVII, alguns capitães-móres

de Bolama achem tinham opinado pela mudança

da Capital para Bolama, se bem que um a

queria na Ponta Bote, ao cimo do canal de

Játa. «Memória...», 103.

(32) Da primeira igreja de Bolama existe

uma gravura, feita sobre o desenho a lápis,

no «Atlas de Portugal e Colónias», de Júlio

Gaspar Ferreira da Costa. Lisboa 1906. —

No Hospital de Bolama, a partir de 25 de

Abril de 1893, houve capela de invocação de

S. Francisco, com missa às quintas e do-

mingos, em razão de ali prestarem serviço

as Irmãs Franciscanas Hospitalares Portu-

guesas.

Aéro Club da Guiné

Encontra-se em organização nesta cidade, à semelhança do que se está fazendo noutras partes do vasto e rico Império Colonial Português, uma agremiação com o nome acima, que pretende desenvolver em todo o território da Guiné, o gosto pelo emocionante e audacioso Desporto Aeronáutico.

A Comissão Organizadora é composta pelos Srs. Octávio da Piedade, Almeida Lopes e Augusto de Menezes, que bastante têm trabalhado para o êxito desta iniciativa de valorização da Guiné Portuguesa

RADIO SPARTON

Não haja ilusões!!!

E' o receptor que mais tem provado na Guiné

Todas as ondas — Todas as correntes

Representante: — **Carlos Machado**
BOLAMA

O «Mato Grande» de Buba A caça e a doença do sono

(Continuação da Pag. TRES)

vultos enormes de animais bravios que corriam por entre o alto capim.

Alguém tinha deitado fogo à palha e, dahi a pouco, as grossas canas revoltavam, semelhando descargas de metralhadoras.

Os caçadores entreolham-se; «fôgo», «fôgo», diz um deles.

O temór do incendio, o mistério da floresta, a visinhança de animais feroces, transtornaram aqueles homens resolutos.

Ei-los em debandada, pelo mato fóra, dando ás de Vila Diogo e procurando as proximidades das águas do Rio Grande de Buba.

Esfalfados, chegaram ao acampamento, onde se movimentavam os cozinheiros e as panelas.

A hora de partida aproximava-se e não havia tempo a perder, pois que a viagem tinha de fazer-se com o favor da maré, que começaria dahi a pouco a vaziar.

Depois de um valente banho nas

claras e tranquilas águas do rio, amocou-se, carregando-se para a embarcação, algumas caveiras de antilopes mortos pelo leão e pela onça.

Inicia-se a viagem de regresso, que levou 4 horas precisas até á Ponte de Bolama.

Mas, ela não se effectuou, sem que, a metade do percurso, furioso amarelo, atormentasse a embarcação, mimosando os passageiros com baldadas de água bem desnecessárias.

Era tal o cachão das vagas, que os mais atrevidos estavam resolvidos já a não dobrar a Ponta da Colónia na embarcação e a fazer o resto do percurso a pé até S. João.

Felizmente, não foi necessário.

Estes passeios são um completo saudável do Desporto, e, agora, que os mesmos amigos se prepararam para novo passeio ao mesmo lugar, passamos ao papel as recordações do outro, porque talvez delas se tire algum ensinamento.

Bolama, Novembro de 1938.

J. C.

De todos os animais nocivos que povoam a Guiné, aquele que todo o caçador apelida de bufalo é, pelas condições especiais com que alimenta a tsé-tsé, o mais pernicioso.

Ao mesmo animal chamam em Angola «pacassa» (bos brachicornis científicos), e, atendendo a que o aumento consideravel daquela especie concorreria, em grande escala, para alimentar legiões sem conta da terrivel mosca, o Governo Geral daquela Colónia, sendo dirigido nessa altura, pelo Ilustre medico e Chefe dos respectivos Servicos de Saude, Dr. Damas Móra, em principios do ano de 1928 proclamou, por Portaria, o extermínio da raça, e criou para tal fim, brigadas de caçadores indigenas, chefiados por caçadores brancos.

Naquella Colónia, razões outrora povoadissimas, encontram-se hoje absolutamente vazias de povoações, devido á terrivel doença do sono (a região entre Ambrizete-Santo António do Zaire, por exemplo).

E, apesar do signatário ter ouvido já varias razões com que se tenta justificar a deserção do indigena de Buba, aqui, na nossa Guiné, que marcou em tempos de maior fartura, não lhe custa acreditar que ao bufalo se possa imputar, talvez, a principal razão de ser de tal despovoamento.

É sabido do caçador que a «tsé-tsé», ou mosca do sono, se alimenta do sangue dos animais selvagens, principalmente daqueles que tem por «habitat» comum, as florestas sombrias e húmidas.

Este o caso do «bufalo» da Guiné, que é a «pacassa» em Angola.

De resto, na própria Colónia de Moçambique, os animais selvagens que concorrem para a existencia da «tsé tsé», estão a sofrer perseguição implacável do respectivo Governo, para sanear regiões a aproveitar para a criação de gados.

Porque não facilitar, na nossa Guiné, a caça aos animais bravios, especifi-

(Continua na Pag. DOZE)

Não se atralhem!!!

Quereis ter uma boa audição de Rádio???

Monte uma antena da CASA José Alves da Silva - Bolama

Gevaert

É a marca de produtos fotográficos — sem favor — para CLIMAS TROPICAIS.

“SECIL”

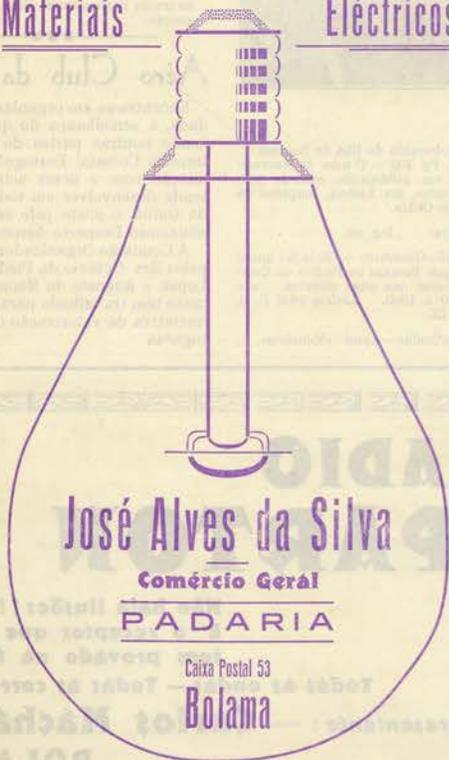
Cimento Português
Fabricado por Portugueses
Para Portugueses

“Cumbé”

O Restaurante dos bons apreciadores de petisqueiras na Feira do S. L. B.

Materiais

Eléctricos



NORMANDIE



O maior e mais moderno Transatlantico Francés escolheu para os seus luxuosos salões o aparelho de RÁDIO

“GAROD”

pela sua qualidade de som incomparável e pela sua fina apresentação

TODAS AS ONDAS — TODAS AS CORRENTES

REPRESENTADO POR
MÁRIO ALVES DA SILVA BOLAMA



Rola, rola, que os "Mangussos" estão com sede...

Grupo Excursionista

"Os Mangussos"

Presidente: *Dr. Roast-Beef*

Sede: "Ao ar livre, à sombra

Transportes:

"Ao Deus Dará,"

BOLAMA

Tele fone: P. F. M. — 0
gramas: C. A. C. R. E. S.
(Posta restante)

Guiné Portuguesa

José Elias Gonçalves

Enderço Telegráfico:

ALVA

Caixa Postal 16

BOLAMA
GUINÉ PORTUGUESA

O estabelecimento
mais concorrido
e conhecido desta
cidade

Rua João Marques
de Barros



FAZENDAS BRANCAS
MERCEARIAS
VINHOS, DE MESA
E DE PASTO

LOUÇAS DE ESMALTE
FERRAGENS,
CHAPELARIA, ETC.

RETROZARIA



"LOMBADAS"

A RAINHA DAS AGUAS DE MESA



VENDE:

ED. GUEDES, L.^{DA}

CAÇA CAÇADORES e «caçarrilhas»

Arma a tiracacolo, cingida a cartucheira, galgando distâncias, e transpondo valados, lá vai o caçador mal desponta o dia, perseguir a criação do reino de Diana.

Logo aos primeiros alvoroços da madrugada o caçador ouve, ao longe, o cantar estridente do perdigueiro, chamando o bando inteiro para, em revoadas, descerem ao bebedouro saciar a sede. E o caçador, contente e resoluto, lá vai ter com as perdizes, pensando logo com um tiro certo fulminar uma das aves.

Ainda a distância a perdigueira dá sinal de caça perto. De ventos levantadas farejando o espaço, cauda estendida e olhar atento, a perdigueira segue à frente, para onde o seu apurado olfacto presente a caça.

De espaço a espaço a perdigueira é advertida com um pequeno «psiu» do caçador, bem conhecido dela, para que não se adeante demasiadamente, prejudicando assim o intento desejado.

De súbito, a perdigueira estaca perto de um tufo de giestas e como que fica cravada ao solo.

Aproxima-se mais o caçador e pela direcção do olhar da perdigueira sabe mais ou menos donde há-de sair a vítima.

Entra! Entra! É o sinal que a perdigueira espera a todo o momento logo que marra com as perdizes, para fazer saltar a caça do esconderijo. Investe e, acto contínuo, uma das perdizes assustada surge no espaço, da espessura da moita.

Firmada a pontaria o tiro parte. E o caçador ao ver cair a peça fulminada que a perdigueira vai buscar, sente prazer e regosijo da firmeza do seu tiro.

Ergue-se o bando inteiro intimidado.

com o estrodo produzido e outro tiro parte, que falhou.

Mas o caçador nem por isso desanima e, confiado em melhor presteza, persegue as aves desgarradas, escondidas pelos tufos dos outeiros.

Já o sol vai alto e o estômago reclama o conteúdo do fardel que o caçador leva a tiracacolo.

A beira de um regato de água cristalina ergue-se uma árvore que estende pela relva circundante uma sombra aprazível, de que o caçador tira proveito para descansar, já haurido de tanto calcorrear por cérrros e vales.

Estende o seu farrel enquanto vai comentando em palestra alegre com os seus companheiros, as peripécias da caçada: um tiro que falhou por precipitação, uma lebre que abateu na mais veloz carreira, ou uma perdiz caída, lá longe, de castelo.

Nunca faltam nestas palestras de caçadores, à hora da merenda, os elogios tecidos ao cão e à espingarda, nem os arrebatamentos de entusiasmo com que um ou outro descreve as peripécias sucedidas, exaltando sempre as suas qualidades de perito na arte cinegética, por ter derrubado uma perdiz por acaso.

É o bobo da caçada, com o qual se divertem todos os outros companheiros, no meio de apupos e grossas gargalhadas.

Diz-se vulgarmente que o caçador mete patranhas quando descreve as suas peripécias. Assim é, na generalidade.

Quem estas linhas escreve tem caçado na Metrópole e tem caçado na Guiné.

Lá, o prazer da caça é um desporto dos mais salutaros, pois além da acção e movimento a que o caçador se submete para estimular o seu organismo, respira

o ar puro das montanhas, longe do bulício cidadão e dos prazeres debilitantes.

Aqui, a arte venatória é um prazer constituindo um conjunto de emoções para quem a pratica e não é dado a todos possuir a calma e serenidade precisas para se afoitarem, quer de noite quer de dia, a embrenhar-se na floresta em cata de aventuras, expostos a revesses e vicissitudes que qualquer menos audacioso, sem conhecimento das coisas do sertão, que nunca tenha saído senão para um passeio de automóvel pela estrada fóra ou apenas conheça o assunto pela leitura de algum livro, não seria capaz de tolerar.

Muita gente nesta terra julga-se com fôros de caçador só porque mata gazelas de noite ao fôco duma lanterna, sem muitas vezes saber ao que dispara.

Tem-os havido que disparam contra os olhos duma vaca ou cabra e até mesmo contra os farolins dum automóvel, julgando visar os olhos duma onça.

Há que haver cautela com tais caçadores ou antes «Caçarrilhas» pois mais de uma vez tem sucedido ser um companheiro atingido com uma carga pela testa, porque um desses tais confundiu o fôco da lanterna do infeliz, por entre o mato, com os olhos duma onça.

Crassa estupidez!!!

É variada e rica a fauna da Guiné; e entre a classe das aves figura a perdiz parda, a que comumente se lhe dá aqui o nome de «choca».

Porém na ilha de Bolama, onde se contam bastantes caçadores amantes da caça aos volateis, não existe a choca e se se quere caçar esta espécie tem de se atravessar o canal que separa a ilha do continente, para ir longe procurá-las. Não seria pois interessante que se



BRINQUEDOS

Na grande variedade Na Casa Machado

Portugalise a sua casa com móveis da «Fábrica Portugal»

Visitar a feira do «S. L. e Bolama», é um dever de todos os bons Desportistas

Entre surdos:

- Vais beber água das Lombadas?
- Não.
- Vou beber água das Lombadas.
- Ah! Julgou que ias beber água das Lombadas.

pensasse em povoar a ilha daquela espécie, bem como de lebres, para que muitos que por aí andam cheios de tédio mal-dizendo do seu semelhante, descarregassem às tardes as pilhas de nervos entre-tendo-se numa peregrinação ao Santo Humberto?

Não seria difícil e está da parte das entidades superiores a resolução de tal assunto, que algum proveito traria para todos os que habitam nesta cidade.

Bolama, Novembro de 1938.

... (sem joio).

“CASA ANTUNES”

DE
HENRIQUE NEVES ANTUNES

Rua Teófilo Braga — BOLAMA
TELEFONE 37

SECÇÃO DE SAPATARIA
COMÉRCIO GERAL
CALÇADO PARA HOMENS
SENHORAS
E CRIANÇAS
MERCEARIAS E PERFUMARIAS
QUINQUILHARIAS, ETC.
ARTIGOS DE JOALHERIA
PRÓPRIOS PARA BRINDES
SÊDAS E ALGODÕES
VINHOS DE MESA E LICORES
CERVEJAS NACIONAIS
SUB-AGENTE DAS MÁQUINAS
DE COSTURA “NAUMAN”
ÚNICO REPRESENTANTE
NA GUINÉ
DO AFAMADO CALÇADO
“RUBY”

Barbearia COSTA

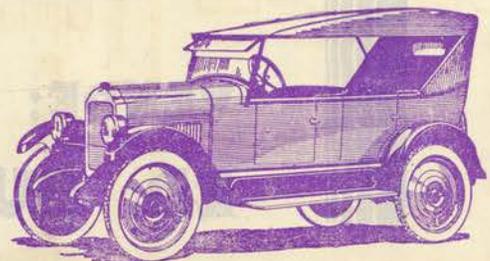


Cortes de cabelo
a senhoras
crianças
e cavalheiros

BOLAMA

JOÃO SAAD

Automóveis e Camions de aluguer
BOLAMA - Guiné Portuguesa



"RAMALHETE"

●

Ao contrário do que se afirma, os novos que vivem na Guiné têm ótima compreensão da utilidade da leitura. Eis, pois, um louvável gesto que desmente a tradição! O espírito quer a leitura como o corpo o alimento!

Todos o sabem! E, para corroborar esta afirmação haja em vista que, do «RAMALHETE» de Agualdo de Andrade, vindo há dias, venderam-se já 85%.

BOTEQUIM

Do Cabaço Grande

●

Sempre os melhores vinhos

Recebidos directamente

●

Tabacos Nacionais e Estrangeiros

●

Manuel Borda

Alfredo Mateus dos Santos

Estabelecimento de:

Mercearias, vinhos de mesa, de pasto e licôres

Cervejaria Especialidades farmacêuticas Gelo

Agente em Bolama, da Sociedade Colonial de Tabacos, Limitada

BOLAMA
Guiné Portuguesa
CAIXA POSTAL 32

Mercearia, vinhos, Bilhares, Tabacos, Louças de alumínio, Retrosaria, perfumaria,

MARQUES & SANTOS, L.^{DA}

●

Comércio geral
Importação e exportação
End. teleg.: MARSANTO
Caixa postal, 34

Secção de cervejaria frigorífico

P. Infante D. Henrique e Rua Sá da Bandeira
BOLAMA -- GUINÉ PORTUGUESA

Padaria «Silva»

Fabrico e asseio sem rivalidade

BOLAMA

"Serração Eléctro - Mecânica"

DE

FAUSTO TEIXEIRA

A mais apetrechada de todas as Serrações existentes nesta Colónia

Em "stock" sempre as mais raras madeiras

Preços especiais a revendedores

Agentes em BOLAMA, BISSAU e nos principais centros comerciais da Guiné

XITOLI — Guiné Portuguesa

MANUEL GOMES

COMERCIANTE

FAZENDAS
FERRAGENS
QUINQUILHARIAS
VINHOS
LICORES
TABACOS

Representante dos aparelhos de rádio

PILOT

R. João Marques de Barros — BOLAMA — Av. da Republica

António Lobato

Avenida da República
BOLAMA
GUINÉ PORTUGUESA

o estabelecimento de Bolama onde se executam por processos modernos cortes de cabelos a crianças, Senhoras e Cavalheiros

Perfumarias

BARBEIRO

Salão

Lisbonense

●

CABELEIREIRO

João Manuel Fernandes

MERCEARIA

BOLAMA

Mercearias, Vinhos de mesa e de pasto
Licôres e "Champagnes"

Secções de:
PERFUMARIA e RETROZARIA
Caçado dos melhores fabricantes

BOLAMA
Guiné Portuguesa Caixa Postal N.º 39

JOSÉ LOPES

Rua João Marques de Barros

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

COMÉRCIO GERAL

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

CAIXA POSTAL 55

Bolama — Guiné Portuguesa

CAIXA POSTAL 26

Cipriano José Jacinto

Produtos coloniais

Rouparia, fazendas brancas, ferragens, calçado, bebidas, mercearia, louças de esmalte e muitos outros artigos nacionais e estrangeiros, etc.

BOLAMA
Guiné Portuguesa

Ana Reis

Fazendas
Calçado
Retrosarias
Perfumarias

As mais recentes
Novidades

Bolama

Auxiliai o

SPORT LISBOA



E BOLAMA

A bem do Desporto

Instrução Pública na Guiné

Os estabelecimentos de ensino primário oficial da Colónia são as escolas centrais, mixtas e rurais.

Nos concelhos de Bolama e Bissau, onde a população é mais numerosa, há duas escolas centrais regidas por quatro professores, cada uma, o que é relativamente pouco, pois a média dos alunos matriculados anualmente nestas escolas, excede a lotação.

No interior da Colónia há algumas escolas bastante frequentadas, como por exemplo em Farim e Bafatá, que são mixtas, e pelas outras circunscrições estão espalhadas as rurais, têm também notável frequência, mas principalmente as de Mansôa, Bissoram e Canchungo, pelo seu rendimento.

É de considerar o esforço dos professores que nos anos anteriores têm feito algumas tentativas felizes, no sentido de ensinar aos seus alunos os trabalhos manuais e labores.

Em 1935 na Escola Central de Bissau houve uma exposição dos referidos trabalhos a qual foi inaugurada por Sua Excelência o Governador, Major Luís António de Carvalho Viégas, tendo o mesmo Excelentíssimo Senhor proferido palavras amáveis e de estímulo para os organizadores de tão interessante iniciativa. Oxalá que, de futuro, tal exemplo se repita por toda a Colónia, porque merece o apreço de todos.

O Quadro do Professorado Primário apresenta-se um pouco desfalcado esperando-se ansiosamente que essa falta seja suprida pela nova organização que é esperada com o todo o interesse.

A pesar de tudo, os rendimentos escolares havidos nos últimos anos lectivos são bastante animadores, graças ao esforço, boa vontade e nítida compreensão dos professores, no cumprimento dos seus deveres profissionais.

No ano lectivo findo, nas diversas escolas da Colónia, houve avultado número de alunos que obtiveram boa classificação nos seus exames.

Na Colónia, existe além dos estabelecimentos oficiais já mencionados, uma escola particular no Bairro Indígena de Bissau, onde também, no último ano lectivo, o respectivo professor, não se poupou, empregando a sua melhor vontade à causa da instrução, apresentando no último período escolar um apreciável número de alunos a exame.

Independentemente destas escolas, existem outras espalhadas pelo interior, dirigidas por missionários que têm promovido o seu desenvolvimento nos anos anteriores.

Pelo Decreto n.º 28-905, de 10 de Agosto do corrente ano, é Bolama beneficiada com uma Escola de Artes e Offícios, destinada a preparar para o futuro menores naturais da Guiné, escola essa que merece o aplauso de todos, visto o seu grande alcance e fins patrióticos.

Como se vê claramente, alguma coisa se tem feito em prol da instrução nesta Colónia.

J. L.

Programa das Festas

Dia 26 de Novembro
Pelas 21 horas — Inauguração da Feira com arraial à minhota, no recinto do «S. L. B.»

Dia 27 de Novembro
Pelas 8.30 horas — Início das provas desportivas com a largada para a corrida de bicicletas Bolama-Ponta Oeste-Bolama, sendo conferidos aos 1.º, 2.º e 3.º classificados, respectivamente, uma taça de prata, uma medalha do mesmo metal, e uma de cobre — Inscrição 10\$00.

Pelas 16.30 horas — Grande desafio de «foot-ball» entre os grupos de honra do «Sport Lisboa e Bolama» e «Sporting Club de Bissau» para disputa da taça «S. L. B.»

Pelas 21 horas — Feira no recinto do «S. L. B.»

Dia 28 de Novembro
Pelas 21 horas — Continuação do arraial à minhota.

Dia 29 de Novembro
Pelas 21 horas — Será dado início ao torneio de «Ping-Pong», sendo conferidos aos 1.º, 2.º e 3.º classificados, respectivamente medalhas de prata e cobre e à equipe vencedora uma taça de prata. Estas provas são realizadas no salão do «S. L. e Bolama». — Inscrição 7\$50.

Pelas 21 horas — Feira no recinto.

Dia 30 de Novembro
Pelas 21 horas — Continuação do torneio de «Ping-Pong», Feira e Arraial à minhota.

Dia 1 de Dezembro
Pelas 14.30 horas — Realizar-se-á no Campo de Jogos a gincana de bicicletas sendo conferidos aos 1.º, 2.º e 3.º classificados, uma taça de prata, uma medalha do mesmo metal e uma de cobre. — Inscrição 10\$00.

Pelas 17 horas — Grandiosa Gincana de automóveis, sendo conferido aos 1.º, 2.º e 3.º classificados, uma taça de prata,

uma medalha do mesmo metal e um objecto de arte, bem como outros prémios às senhoras que acompanharem os volantes vencedores. — Inscrição 50\$00.

Pelas 21 horas — Continuação do arraial.

Dia 2 de Dezembro
Pelas 21 horas — Continuação do arraial com várias diversões.

Dia 3 de Dezembro
Pelas 15 horas — Torneio de tiro aos pombos, sendo conferido ao 1.º, 2.º e 3.º classificados, respectivamente uma taça de prata, uma medalha do mesmo metal e uma de cobre. — Inscrição 25\$00.

Pelas 21 horas — Continuação da feira e arraial.

Dia 4 de Dezembro
Pelas 8.30 horas — Torneio de tiro aos pombos, sendo conferido ao 1.º, 2.º e 3.º classificados, respectivamente uma taça de prata, uma medalha do mesmo metal e uma de cobre. — Inscrição 20\$00.

Pelas 15 horas — Realizar-se-ão as seguintes provas desportivas: — Luta de tracção, corridas de 100 e 200 metros, saltos em altura e comprimento. — Inscrição 2\$00.

Pelas 16.30 horas — Desafio de «foot-ball» entre os grupos de honra do «Sport Lisboa e Bolama» e «Sporting Club de Bissau», para disputa da taça «Sport Lisboa e Bolama», 2.º desafio.

Findo o encontro realizar-se-á a Parada Desportiva, desfilando esta em saudação perante a tribuna de Sua Excelência o Encarregado do Governo.

Pelas 21 horas — Realizar-se-á na sede do Clube sessão solene, sendo em seguida distribuídos os prémios aos vencedores das diversas provas, bem como ao «team» de honra do «Sport Lisboa e Bolama» e outras individualidades condecoradas.

A seguir, continuação da Feira.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto



Bolama — Praça Infante D. Henrique

A caça e a doença do sono

(Continuação da Pág. SETE)

cando o bufalo, atendendo a que estes animais se reproduzem duma maneira extraordinária, e fecunda, sendo um perigo para a vida e saúde do indígena.

A região de Buba está infestada de bufalos e de moscas.

É bem certo que nem toda aquela região estará ainda infestada; mas daí a ser um facto lastimável é um passo. E, no entanto, já se tem verificado alguns casos do doença do sono.

Ora, na Guiné os caçadores contam-se pelos dedos das mãos; mais entusiasmo do que qualidades cinagéticas.

Assim, e, olhando às dificuldades que atravancam a importação e venda de armas e munições, afigura-se-nos que, atendendo a que a pacificação da Colónia é um facto há anos já, o seu Governo deveria regulamentar este comércio, facilitando a sua aquisição, com todas as cautelas sempre, aos indivíduos com idoneidade bastante para serem portadores duma ou duas armas.

Em toda a África é vedado ao indígena ser possuidor duma arma fina ou estralada; mas ao europeu ou civilizado, que tem quasi sempre que defender e garantir os seus bens e a sua vida, é de toda a necessidade facultar-se-lhe elementos com que, além de defender o que é seu e muitas vezes dos outros, possa, nas horas nostalgicas da vida colonial, estender as pernas, calcureando atraz dum bufalo ou gazela, concorrendo para matar a fome de carne a muito indígena e a confeccionar melhor «menu» para suas refeições.

Lembramos que o Decreto 25-229, de 25 de Abril de 1935, publicado nesta Colónia no seu «Boletim Oficial» n.º 21, de 27 de Maio de 1935 prevê a regulamentação da venda de armas, munições, pólvoras, etc, etc, de harmonia com as condições do meio.

Á boa vontade, sempre demonstrada, de Sua Excelência o Senhor Encarregado do Governo, deixamos, assim, que a Colónia venha a ficar mais bem servida de legislação sobre este assunto, do que aquela que tam arcaicamente nos rege.

Bolama, Novembro de 1938.

J. C.

Aos Desportistas

As inscrições para todas as provas Desportivas, podem ser feitas na «Competidora», e na Sede do «S. L. B.»

— O preço das entradas no Campo de Jogos, são os seguintes: «Foot-ball», cadeiras, 5\$00; Peões, 2\$50. — Gincana de automóveis, 2\$50. — Gincana de bicicletas, 1\$00.

— Os sócios do «S. L. B.», têm 50% de desconto nos bilhetes das entradas, apresentando a cota do mês anterior.